



SOLIDARIEDADE: cacique Celestino, dos xavantes, faz visita de apoio

Documentação

Fente: JT

Data: 25/4/2000 pg 14A

Class: 1886

Ministro da Justiça demite presidente da Funai sem recebê-lo

Carlos Frederico Marés não pôde nem entregar carta de demissão: o ministro da Justiça não o recebeu e demitiu-o antes mesmo de ler a carta: documento seria 'desnecessário'

Dizendo-se indignado com a repressão policial aos índios na região de Porto Seguro (BA) durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento, o ex-presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai) Carlos Frederico Marés deixou o cargo ontem conforme havia anunciado. Mas ele não pôde nem entregar sua carta de demissão: o ministro da Justiça, José Gregori, não o recebeu, demitindo-o antes mesmo de receber a carta.

Marés continuou criticando as autoridades, ontem. Chamou José Gregori de "antiindigenista", "omisso" e "de direita". Marés disse que vinha alertando o presidente FHC sobre o perigo de violência contra os índios durante as comemorações dos 500 anos desde dezembro do ano passado e reclamou do fato de ter sido colocado "à margem" das discussões pelo gabinete de Segurança Institucional da Presidência, chefiado pelo general Alberto Cardoso. O secretário-Executivo do Ministério da Justiça, Antônio Anastasia, assume a presidência da Funai interinamente.

'Carta desnecessária'

Uma hora e meia depois de ter sido procurado por Marés, Gregori divulgou uma nota à imprensa anunciando a demissão do presidente da Funai. Segundo o documento, as declarações de Marés à imprensa durante o final de semana tornavam desnecessária uma carta de demissão, já que não haveria como mantê-lo no cargo. À noite, o porta-voz presidencial Georges Lamazière desmentiu as declarações de Marés e, em nome de FHC, acusou: "Se alguma falta houve, foi de lealdade da parte dele".

Nos últimos meses, Marés vinha fazendo diversas críticas ao governo. Fez restrições à mineração

em áreas indígenas e defendeu a homologação integral da terra indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, medida rejeitada por grandes fazendeiros e por todos os políticos do Estado.

Marés acredita que José Carlos Dias tenha sido demitido ao tentar enfrentar a "direita", representada pela área militar. Segundo Marés, FHC está "equivocado" ao qualificar de fascistas os militantes do Movimento dos Sem Terra (MST). Ele acha que isto é "má influência da direita". Ontem, ele recebeu apoio de caciques e representantes de movimentos indígenas.

Ouro 'mortífero'

Sobre as restrições à mineração em terras indígenas, Marés cita o exemplo dos ianomâmis como uma tribo que não conviveria de forma conciliatória com a mineração. Afirmou que o ouro, na visão ianomâmi, é "bom" quando está dentro da terra, mas quando "cozido" solta a "xauara", uma fumaça mortífera.

O ex-presidente da Funai, no entanto, advertiu que o Estatuto do Índio prevê que a mineração será aprovada "caso a caso". Ele frisa que isso não pode ocorrer em terras ianomâmi.

Marés admite que teve embates também com outras áreas do governo. Desde que entrou no cargo, em novembro, o ex-presidente da Funai vinha resgatando vários bens que tinham sido repassados à Fundação Nacional de Saúde (Funasa), ligada ao Ministério da Saúde. O governo retirou a área de saúde indígena do domínio da Funai e com isso transferiu também várias aeronaves e embarcações para a Funasa. Marés disse ontem que recuperou esses bens por entender que estavam representando um "desmanche" da Funai.

O ex-presidente da Funai é procurador no Paraná e exerce o cargo de professor de direito na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em Curitiba. Marés disse que, além de reassumir suas funções regulares, voltará a desenvolver trabalho "voluntário" em defesa dos índios. "Eu trabalho para diversas ONG's indígenas", disse.

Hugo Marques /AE